EF EDIÇÃO DE SETEMBRO/2017, N. I, A. 8
PERIÓDICO LITERÁRIO INDEPENDENTE FEITO
EM CURITIBA, PARANÁ, DESDE SETEMBRO/2010
F ISSN 2525-2704





# setembro/2017

EDITOR: DANIEL ZANELLA

EDITOR-ASSISTENTE: MATEUS RIBEIRETE OMBUDSMAN: RICARDO LÍSIAS

REVISÃO: MATEUS SENNA

PROJETO GRÁFICO: MARCELI MENGARDA LOGÍSTICA: THAÍS ALESSANDRA TAVARES

REDES SOCIAIS: FELIPE GOLLNICK ADVOGADO: BRUNO MEIRINHO OAB/PR 48.641

> IMPRESSÃO: GRÁFICA EXCEUNI TIRAGEM: 4.000

EDIÇÃO FINALIZADA EM 31/08/2017

## editorial

88 edições depois e cá estamos para a abertura do oitavo ano do RelevO. Quando isso tudo começou, lá em agosto de 2010, mal sabíamos que hoje estaríamos defendendo um período de duas Copas de circulação ininterrupta, com todas as intempéries da vida a inflar custos administrativos, a fechar inúmeros veículos culturais pelo Brasil todo e a revolucionar a velha plataforma de publicação chamada papel.

Bem, cá estamos com todo o nosso arsenal de satisfações em produzir um jornal que tenta saber rir de si mesmo, que não deixa de ridicularizar o meio em que vive e que não se limita a apenas apresentar uma tentativa, um recorte do que é ser contemporâneo. Voláteis, queremos transformar cada edição mensal em um item colecionável, para ser bem lido em tempos vindouros (trabalho em progressão), e expandir as possibilidades de se divertir com a literatura, inclusive nos transformando em objeto de apedrejamento, se necessário.

Aliás, por um jogo de dados, esta edição de setembro também abre o mandato de Ricardo Lísias à frente da coluna de ombudsman. O escritor paulista exercerá um mandato de seis meses, com escolha de renovação para mais um trimestre. Cabe a ele nos criticar, nos inquirir, nos injuriar, ser o ouvidor dos leitores. A primeira coluna já demonstra o tom de reflexão aguda e o questionamento de certos discursos (equivocados) que de tempos em tempos lançamos mão desavergonhadamente. [E um impresso não consegue se reescrever no passado.]

A coluna de ombudsman surgiu em 2014 para trazer exatamente este olhar ferino, temperado, bruto, sobre as nossas questões internas e diante do meio em que trabalhamos. Além do RelevO, apenas a Folha de S.Paulo e o jornal O Povo, de Fortaleza, contam com o cargo de forma regular — desconsideramos, aqui, iniciativas de jornais-laboratório, geralmente efêmeras e com periodicidade irregular.

Enfim, a cada número do **RelevO** grafamos o nosso compêndio de limitações, a nossa assimetria discursiva, o nosso modo de relatar de mundo. É o permanente confronto do olhar com a precariedade da vida, sempre disposta a se esvair, a se corromper, como um jornal atingido pela chuva inesperada.

Uma boa leitura a todos.

# disso de dinheiro

### ENTRADAS

Assinantes: R\$ 100 Alexandre Guarnieri; Rafael Schoenherr; R\$ 50 Jeverson Nascimento; Rafael Antunes; Hebe Costa; Patrícia Hermann; Simone Nunes; Rosiane Freitas; Larissa Luz; Roger Pereira; J.G. Pinheiro; Ivan Justen Santanna; Jim Carbonera; Theo Alves; Felipe Melhado; Juliana Meira; Paulo Siqueira; Otavio Linhares; Darlene Dallarmi; Tito Leite; Rosângela Melo Rodrigues; Rosana Chrispim; Nyll M. N. Louie; Luz Maria Romero; Clara Baccarin; Victor Simião; Stephanie Brito; Francine Bathke; Sérgio Aral; Marjorie Vivekananda; Leonardo Migdaleski; Diego Antonelli; Wanda Monteiro; Saulo Adami; Flavio Caamaña; Marco Aurélio Souza; Melissa Maciel R\$ 30 Maridalva Oliveira; Celina Bezerra; Wanda Karine Santana; R\$ 20 Ricardo Gualda (total: R\$ 2.060) Anunciantes: R\$ 120 Editora Zeitgeist; R\$ 100 Editora Penalux; R\$ 50 Editora Madrepérola; Revista Ema; Vem da Val; Ehlkefarma; Greicy Bellin; Rita Maria Kalinovski; Fisk; Toda Letra; Livrarias Joaquim (total: R\$ 670)

### SAÍDAS

Gráfica: R\$ 1.180 / Distribuição: R\$ 370 Assinantes: R\$ 740/ Papelaria: R\$ 260 Balança de precisão: R\$ 35

R\$ 2.730 - R\$ 2.585 = Balanço de agosto de 2017: <math>R\$ 145

# imagens dessa edição

A fotografia da capa é de autoria de Jaqueline Godoy e, na página 24, a foto é de Flávio Esteves. Ambas fazem parte da mostra (Des)marca(R), proposta pelo Café & Fotografia, e que também está na p. 17.

## assine/anuncie

Somos um impresso sem fins lucrativos que sobrevive apenas por dois meios: assinantes e anunciantes. Fale conosco no contato@jornalrelevo.com e combine de receber o jornal mais aleatório do Brasil em casa ou divulgue seu trabalho, sua marca, seus projetos culturais.

# publique

O RelevO recebe textos de todos os gêneros, de trechos de romances sobre domos invisíveis a artigos de escritores que gostam, sobretudo, de si mesmos. O RelevO recebe ilustrações. O RelevO recebe foto-grafias. O RelevO abarca projetos acadêmicos. Também cartuns, HQs, receitas, bulas, resenhas, ameaças inbox. Mande seu material para contato@jornalrelevo.com.

SE NON È VERO, È BEN TROVATO

Rejane Machado Recebi com muita alegria um jornal "de verdade". Não para forrar a casa do coelho, mas para ler, porque tem uma pá de coisas boas nele, só de dar uma olhada ligeira. Vou degustá-lo com farinha (não, não gosto de farinha, é modo de falar), mas com mel de abelhas. Como sempre, aquele carinho na feitura do filhote: isto é que é pai, o resto é conversa! Será? Com esse clima escandaloso de propinas? Será que Tiradentes morreu em vão?

Rafael Gayer Só reparei que meu nome não veio escrito a mão depois do Guto Souza reclamar na sessão de cartas dos leitores da edição anterior. Mas pqp que sacanagem, hein? A máquina está acabando com o trabalho humano. Meu Deus!

Da redação: 000111000011111100000000111111110

Cássia Lima Queria parabenizar o trabalho lindo que é o RelevO. É de uma qualidade literária e sensibilidade incríveis, espero que dure por muito tempo. Recebi o meu primeiro em casa hoje, tô ansiosa pra ler. Obrigada pelo trabalho! A propósito, amei ter meu nome escrito à mão!

Da redação: Ó, Rafael, ó! Do revisor: Beijo, Cássia!

Flavio Caamãna Fascinado com a qualidade do jornal. Extremo bom gosto gráfico e textos de muita gente que admiro e que já conheço de outras revistas eletrônicas. Muito lindo o trabalho. Li, inclusive, uma indicação de leitura do amigo Tito Leite. Lidar com literatura é realmente trabalho para guerrilheiros. Participar de um jornal/movimento/conceito nesses tempos de guerra lava a alma. Aguardando ansioso pela chegada do exemplar (agora membro deste seleto grupo).

TRÊS MOMENTOS + I

J.G. Pinheiro Salve! Final de semana curtindo minha edição de julho do RelevO, "o impresso independente que mais faz a cabeça da galera"! Valeu mesmo. Aqui em casa, estamos adorando. O design? Diagramação enxuta, sóbria, lisa, sem pontas soltas, sem pose, sem caras-e-bocas. E o conteúdo? Despojadas doses de cultura e estilo num coral de opiniões plurais e um tiroteio de sensos críticos desaforados. Um desfile de talentos, até então desconhecidos para mim, sustentando o nível da leitura desde o editorial até as poesias concretas da última página (quarta capa). Divertiume sumamente a "tremenda má vontade para ouvir artistas", de Daniel Lopes Guaccaluz. Coitado do Mia Couto (ou de seu pão de queijo público, esdruxulamente poético), coitado mesmo! Pobre escritor famoso! Impressionou-me (e deu-me inveja, é preciso admitir, uma inveja imediata, mesquinha e competitiva) a exata e clínica concisão que se nota na "Queima de Arquivo", de Rodrigo Novaes de Almeida. Uma joia de micronarrativa.

J.G. Pinheiro A casa está em clima de suspense.

Estamos, eu e a Val, ansiosos pela edição de agosto. Um conto meu vai figurar entre as obras dessa multidão inspirada que preenche o jornal, que dá relevo ao **RelevO**. Deveríamos ter feito duas assinaturas para guardar mais cópias. É possível adquirir as edições anteriores? Espero que sim. Enfim, um abraço a todos vocês, a equipe do **RelevO**, e parabéns pela iniciativa.

J.G. Pinheiro Saibam que mesmo estando fria, seca, neutra e indiferente à tudo, Brasília ferve! As ruas estão tomadas por um coral desgovernado e indeciso. É a chamada "guerra das mentalidades", disse um certo acadêmico. Uma conturbação de egos anônimos, animados por ideais tão mecânicos quanto hereditários, numa gritaria silenciosa que não tem mais a menor condição de me atingir ou me interessar. Não, não agora de madrugada. Por quê? Simples. Porque, nesse exato momento (e por "esse exato momento" entenda-se: "a um minuto atrás"), eu estou de cabeça para baixo, de pé, ereto, no teto do meu escritório. Sim, é verdade! Namorando freneticamente com meu próprio nome em meio às páginas do RelevO. Minha personalidade se descosturando numa erupção de confusos lapsos e desorientadores delírios. Juro que, assim que eu me recuperar, mando um e-mail menos incompreensível. Considere este sincero tijolo de palavras desencontradas um esquizofrênico agradecimento: "valeu". Espero não ter sido claro.

**Cristina Bresser** Amei o conto "Colapso" na edição de agosto. J.G. Pinheiro, que ritmo, parabéns! "Os Rios Trotam" tem agilidade e mistério, muito bom. "Onde Houver Tristeza" me emocionou! Edição excelente, tô feliz em renovar a assinatura.

Marina Moreno Leite Recebi duas unidades do RelevO. Todos estão de parabéns, todavia destaco o texto de Rejane Machado, na edição 08, com o conto "O Cabeça d'Água". Do início ao fim torci para que nada de ruim acontecesse ao professor, e sabiamente a autora correspondeu ao meu desejo.

SOBRE CUSTOS

Annelize Tozetto O aporte financeiro é sempre um dos maiores empecilhos. Porque parece que as pessoas não entendem que há mão de obra envolvida (seja impressão do jornal ou revista, sejam pessoas que escrevem pra esse material). O RelevO passa quase pelo mesmo problema da Vírus. Isso faz com que muita gente não consiga contribuir direito porque a vida cobra também.

TÔ DE BEM COM A VIDA

Fernando de Proença AMO o trabalho de vocês.

**Rafa Kondlatsch** Bom receber meu jornal em casa e ter prazer na leitura. Por mais **RelevO**s no mundo.

**Daniela Ribas Tours** Que maravilha! Ficou muito bonita a edição de agosto. Adorei todos os textos, super bem escolhidos. Um primor.

Tito Leite Recomendo a leitura e a assinatura do

**RelevO**. Um trabalho muito bonito. **Ricardo Gualda** Um conto da Patricia Porto sobre sutileza, memória e libertação. Recomendadíssimo!

**Dérika Virgulino** Jornal lindo, poema lindo do Thiago Scarlata!

Claudia Lopes Borio Nossa! Edição colecionável!

Mitie Taketani Gostei bastante desta edição.

NEM TANTO

**André Dantas** Gosto do jornal, dos textos, da diagramação, mas andei sabendo por aí que o editor é arrogante e não aceita críticas.

Da redação: Isso é bem verdade, André. Não recomendamos a leitura.

NOVO OMBUDSMAN

Daniel Osiecki Massa.

**Homero Gomes** Que legal o projeto todo do **RelevO** e essa vontade de sempre se reinventar. Seja bem-vindo, Ricardo Lísias.

ASSINATURAS DIGITAIS

**Marco Aurélio de Souza** Até que enfim chegaram as assinaturas digitais, brô, os assinantes alérgicos já estavam cansados de pagar uma fortuna para não receber o jornal.

Da redação: É o fim da rinite literária, Marco. (E isso tudo começou em PG!)

PODE CRER

**Munique A. Duarte** Pelamor, me explica essa autora querendo comprar espaço na capa! Isso foi verdade????

BOATOS DO RELEVO NA FLIP X EXPLORAÇÃO INFANTIL

**Daniel Montoya** Com o trio de entregadoresmirins ninguém recusava o jornal.

CADÊ?

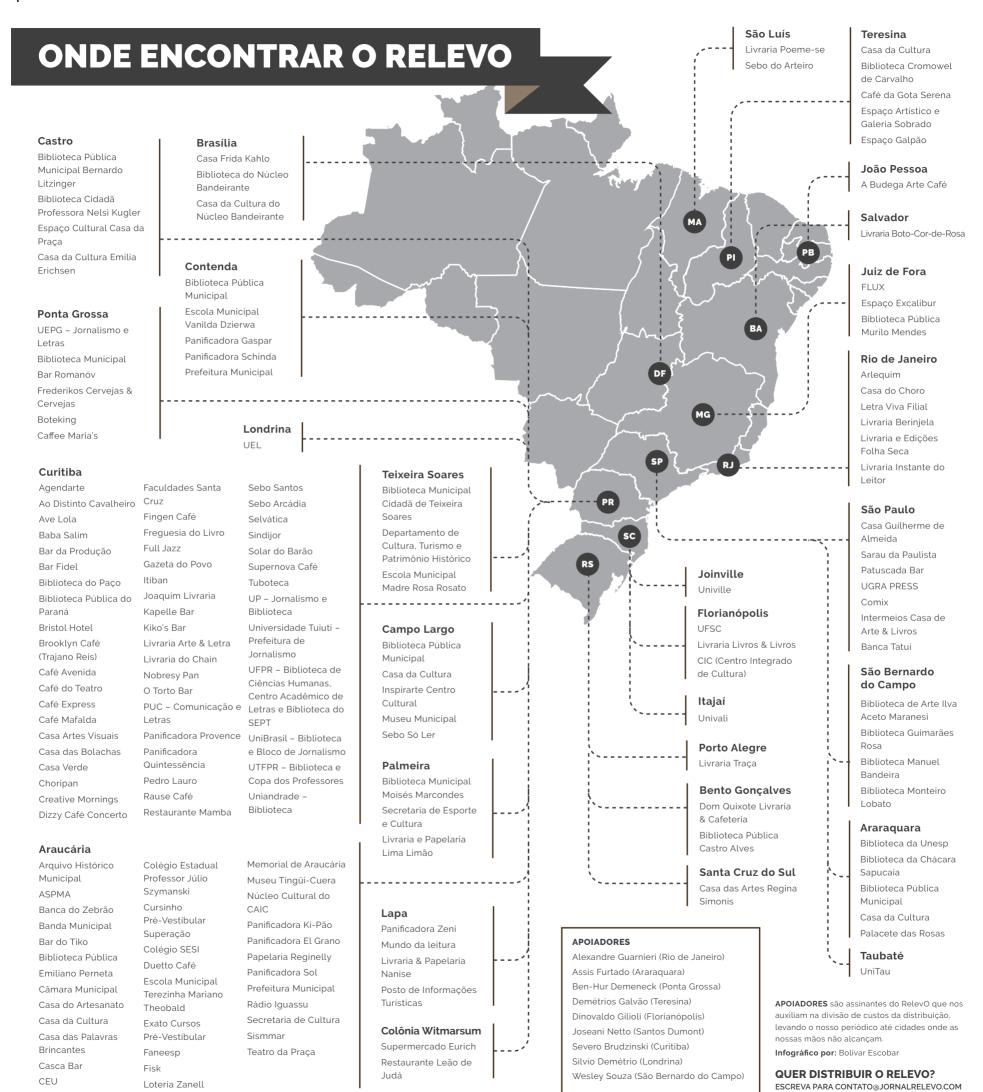
**Marjorie Vivekananda** Ein, deixa eu perguntar uma coisa pra vocês: acabou a Enclave?

Da redação: O editor da Enclave saiu para comprar cigarros e ainda não voltou.

### das erratas

Ao longo do mês, fizemos seis versões do mapa da distribuição do **RelevO**. A culpa do esforço acima do normal foi do editor, que ficou atualizando o mapa impunemente, levando o nosso colaborador assíduo Bolívar Escobar a repensar a parceria e a relação amistosa com o periódico.

No entanto, valeu a pena: confira, na próxima página, um belo mapa com todos os pontos de distribuição do jornal por este brasilzão véio sem porteira.



# Heroísmo

O editorial de agosto do **RelevO** me pareceu bastante ilustrativo de um certo abuso na utilização das palavras. Mais do que isso, é como se utilizar um termo para determinada situação seja suficiente para que ela ocorra. O jornal se declara um ato de subversão, basicamente por existir de forma impressa.

Em todas as discussões sobre o livro virtual, por exemplo, um detalhe se repete: os autores parecem sempre ansiosos para ver seus livros também impressos. É como se o ebook fosse apenas uma segunda possibilidade, bem-vinda, mas apenas secundária diante do verdadeiro reconhecimento que é ver o texto impresso. Todo mundo que quer publicar, deseja publicar um livro. Nem todos, porém, fazem questão de que o mesmo texto seja publicado sob a forma digital. Apenas em ebook, acho que quase ninguém.

Muita gente que adora ler fala com clareza que jamais vai aderir ao suporte digital. Os argumentos vão desde o cheiro do papel até a possibilidade de escrever um comentário na margem das folhas. Fala-se simplesmente de um hábito que, por ser tão agradável, não deve ser deixado para trás. Raros, por outro lado, são os leitores que dizem recusar a folha em nome da tela.

Fica então aqui a minha primeira inquietação: o que pode ter de subversivo em existir sob uma forma que todo mundo deseja? Do mesmo jeito, posso listar uma série de veículos impressos sobre literatura ou arte em geral que circulam com significativa desenvoltura no Brasil contemporâneo. Evidentemente, sei que muitos jornais e revistas de literatura ou cultura acabaram nos últimos anos. Outros apareceram e alguns continuam

existindo. Aqui e ali a gente vê a reclamação: somos os resistentes! A palavra resistir, já gasta, vira um troféu. Só não listo dez resistentes subversivos para não ficar constrangedor demais.

Somos todos subversivos?

Depois, mais surpreendente ainda foi ver o orçamento do jornal: se não entendi errado, ele é superavitário! Houve em agosto um lucro de 300 reais. Não há de fato nenhuma subversão em ter lucro. Certo, não é o lucro do Itaú, mas não vejo nenhum tipo de grande heroísmo em publicar textos de qualidade elevada, fotografias interessantes e um poema realmente excelente (o de Ismar Tirelli Neto) e ainda não perder dinheiro com isso.

Pode-se dizer que a doação pessoal dos responsáveis pelo jornal é o seu tempo. Ora, é evidente que eles gostam de literatura. Fica claro que sentem prazer em fazer o **RelevO**. Subversão não combina muito com isso. Que risco vocês estão correndo? Nem dinheiro perdem...

Acho que no caso houve um nítido abuso da palavra subversão. Parece que se declarar subversivo já é suficiente para que essa condição se realize. Não é o caso. Inclusive, os verdadeiros excluídos da ordem contemporânea não têm sequer o interesse em estabelecer com o status quo algum tipo de medida. Dizendo de outro jeito, talvez o verdadeiro subversivo esteja tão afastado da ordem que sequer mensure o seu espaço.

O que eu senti foi uma espécie de gozo em se declarar subversivo. Mas em setembro de 2017, acho que não é tão fácil assim. Mais razoável é se enxergar um bom jornal. Qual o problema disso?



# LIVROS | VINIS JOAQUIM LIVRARIA & SEB RUA ALFREDO BUFREN, 51 CENTRO | CURITIBA, PR

INFO@JOAQUIMLIVRARIA.COM.BR JOAQUIMLIVRARIA.WORDPRESS.COM FB.COM/JOAQUIMLIVRARIA

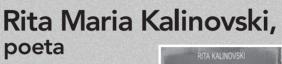


CENTRO DE ENSINO

3642-3690

3031-7040

R. JOÃO PESSOA, 35 - ARAUCÁRIA/PR



no inverno a cada manhã vejo quadros de Rembrandt

Conheça mais o trabalho da autora e adquira seus livros no Paço Municipal de Curitiba e nas Livrarias Curitiba.



# Ehlkefarmacia

00000000000000000000 00000000000000000000

PRAÇA VICENTE MACHADO, 188, CENTRO ARAUCÁRIA-PR (41) 3642-1128

# **ADVOCACIA**

CONSUMIDOR - CÍVEL - FAMÍLIA CONTRATOS - TRABALHISTA

# Bruno César Deschamps Meirinho

OAB/PR 48.641

RUA JOSÉ BONIFÁCIO, 135, 2º ANDAR, LARGO DA ORDEM, SÃO FRANCISCO, CURITIBA-PR

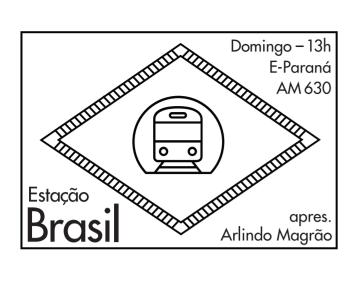
(41) 3564 7194

(41) 984 405 050

# TODALETRA, COM.BR









EDITORA INSIGHT - LIVROS ARTESANAIS
(41) 9555-5850 @INSIGHTBIOGRAFIAS







A cor e a textura de uma folha em branco é o livro de contos de Carlos Pessoa Rosa, premiado pela UBE/CEPE, em 1998. O autor é médico-escritor, poeta, contista, ensaísta, considerado entre os 20 melhores contistas pela Rádio Francesa Internacional. Publicou também "Sobre o nome dado", "Histórias que o povo conta, mas de seu jeito de contar" pelo Coletivo Dulcinéia Catadora, de São Paulo, e "Una Casa Bien Abierta", texto infantil, pela pequeño editor, de Buenos Aires. Tem trabalhos publicados em várias revistas literárias e coletâneas.

Para adquirir o livro: www.amazon.com



# d'Revolução está apenas começando.

Rádio Cultura



Cultura
No seu Dial | AM 930
No Aplicativo
No Site

WhatsApp (41) **98 5050 930** Anuncie na Cultura (41) **3013-3280** 





O pequeno semanário Voz do Paraná foi o único jornal do Paraná a registrar com detalhes a queda do governador Haroldo Leon Peres em 1971. Quando assumiu o governo do estado do Paraná, em março de 1971, indicado pela Ditadura Militar, Peres adotou para a sua gestão o slogan "A revolução que chega ao Paraná". Em seu discurso de posse "prometeu bater com mão de ferro nos dois principais adversários da 'revolução': a subversão e a corrupção". Sete meses depois, acabaria forçado pelo próprio regime militar a renunciar por suspeita de corrupção.

Na época, a imprensa brasileira era tomada pela censura, autocensura e repressão aos veículos de comunicação. Mas a Voz do Paraná subverteu a ordem. Talvez "esquecida" pelos censores da época por ser um jornal "pequeno", exerceu papel fundamental para as denúncias que levaram à queda de Leon Peres.

O então governador era acusado de exigir de Cecílio do Rego Almeida, um dos mais poderosos empreiteiros do Paraná, um depósito de um milhão de dólares no exterior para liberar o pagamento de sessenta milhões de cruzeiros devidos pelo estado por causa da construção da Estrada de Ferro Central do Paraná. Era acusado ainda de haver recebido de outros empresários do estado a quantia de 170 mil cruzeiros destinados à reforma de sua casa, além de haver sido beneficiado na compra de glebas de terras a baixo custo no município de Matelândia, a setenta quilômetros de Foz do Iguaçu.

Leon Peres tentou negar as acusações e negociar sua permanência no governo, mas não a conseguiu, pois contra ele existiam provas concretas de envolvimento em corrupção. A conversa com Cecílio Rego de Almeida na praia de Copacabana, no Rio de Janeiro, para tratar do negócio, fora toda gravada e filmada por agentes do Serviço Nacional de Informações (SNI).

O governador do Paraná foi parar nas páginas da Veja. Contudo, a censura retirou todos os exemplares de circulação. Ou melhor, quase todos. Dentre os poucos que se salvaram, alguns foram parar na redação de a Voz do Paraná. A matéria foi reaproveitada pelo doutor Roaldo e por Aroldo Murá. Com o texto redigido e publicado, o assunto ganhou a visibilidade merecida perante a sociedade local.

Leon Peres tinha perdido qualquer ponta de credibilidade. Celso Nascimento, que nessa época atuou como colaborador voluntário do periódico – já que ainda não tinha sido contratado –, também fez um copidesque sobre as denúncias que pairavam sobre Leon Peres de uma reportagem que seria publicada no Correio da Manhã, mas que não foi

# Queda de um governador

aceita pelo jornal.

As publicações contribuíram decisivamente para que o governador se comprometesse a renunciar até 22 de novembro daquele ano. Ele ainda tentou recuar na última hora, sendo advertido pelo deputado federal Ari Alcântara, enviado pelo presidente Médici a Curitiba, de que se não renunciasse imediatamente a notícia da suspensão de seus direitos políticos seria anunciada pelo rádio em cadeia nacional no programa Voz do Brasil. Finalmente, em 23 de novembro, renunciou, transmitindo o cargo ao vicegovernador Pedro Viriato Parigot de Sousa. Ao longo daquele ano diversas publicações da Voz do Paraná tiveram como personagem central o governador Haroldo Leon Peres. No começo, quando as denúncias ainda não existiam, o jornal mostrava os desafios que o novo mandatário do estado do Paraná enfrentaria, como pode ser observado na matéria "Novo governo começa amanhã", da edição semanal de 11 a 17 de março de 1971 e que abordou a posse Leon Peres, e na "Haroldo mostra o déficit que seu governo recebe: CR\$ 300 milhões", da edição semanal de 4 a 10 de abril.

Com o passar do tempo, começaram a surgir impasses e polêmicas em torno do nome do governador recém-empossado. A edição de seis a 12 de junho trazia uma matéria que colocava em discussão se havia um racha na Arena no estado, partido de apoio ao Regime Militar. Havia rumores de que Paulo Pimentel e Leon Peres, dois nomes importantes na sigla partidária haviam rompido. A matéria "Uma demissão reacende crise imprensa x Haroldo" retomou o assunto a partir da demissão de Antonio Pietrobelli da estatal Fundepar. Pietrobelli era secretário de redação da Tribuna do Paraná e era redator há três anos da Fundação Educacional do Paraná, sendo um dos homens de confiança do ex-governador Pimentel. Na época, Pietrobelli alegou "vingança política".

Na semana entre 27 de junho e três de julho,

a Voz do Paraná publicou matéria "O Paraná, segundo Haroldo", que proporcionava novamente o debate sobre uma eventual queda de apoio político do governo de Leon Peres. O governador queria provar que não tinha perdido a base política. "Sem falsa modéstia, possuo o comando político do meu estado e em bases tão amplas que reduzem qualquer especulação de crise na Arena local", afirmava na publicação.

A mesma edição trouxe um texto de página inteira com o título "Paraná, aqui se briga". A reportagem publicou os impasses e as disputas políticas envolvendo o governo de Leon Peres como se fosse um roteiro televisivo. Dividida em doze capítulos, a matéria mostrava a "sensacional novela de caráter político narrando os lances mais sérios pela liderança do estado. Patrocínio exclusivo da Aliança Renovadora Nacional (Arena). Personagens principais: Haroldo Leon Peres e Paulo Pimentel".

"Se a briga de Leon Peres com Paulo Pimentel foi um prato delicioso para muitos espectadores e acabará enriquecendo (ou empobrecendo) o folclore político paranaense, no fim das contas projetou no país uma imagem pouco edificante da habilidade de nossos políticos", assinalava o jornal.

No mês seguinte, a publicação "Haroldo, um bom Ibope na TV", veiculada entre os dias 18 e 24 de julho, trazia uma matéria sobre uma sabatina na qual Leon Peres participou no programa "Encontro Marcado" no então Canal 6, Televisão Paraná, emissora dos "Diários Associados". Durante a entrevista, em tom defensivo, disse que ninguém poderia acusar o seu governo de ser corrupto – fato desmentindo meses depois. Ele afirmou, segundo a matéria, "que ninguém pode acusar seu governo que tem só 100 dias quanto à honestidade de propósitos e atos".

Já próximo do desfecho que culminaria com o fim precipitado do mandato de Leon Peres, a Voz

do Paraná, na edição de 24 a 30 de outubro contou com o texto opinativo "O poder da corrupção", que apontava graves irregularidades administrativas no Departamento de Trânsito do governo estadual. "A corrupção que imperava em certos setores da repartição assumiu proporções graves, com amplas ramificações", dizia o texto.

Finalmente, a edição de 28 de novembro a quatro de dezembro estampou a renúncia forçada de Leon Peres no cargo de governador do Paraná. Segundo a publicação, em nota oficial o ex-mandatário do Poder Executivo estadual confessava a incapacidade de superar "as notórias divergências e dificuldades enfrentadas na direção do Estado". "A par dos problemas de ordem política, sua administração vinha sendo acusada de ineficiente e o que era mais grave — da prática de irregularidades em vários setores", apontava a chamada da capa daquela edição.

A matéria explicou que um dos motivos que levou à queda de Leon Peres foi um relatório encaminhado pelo serviço de inteligência do governo federal, o Serviço Nacional de Informações (SNI) com denúncias contra ele. O então governador alegou que estava sendo alvo de manobras políticas dos opositores. Outros veículos também já tinham realizado denúncias contra Leon Peres, como aponta a mesma reportagem: "Um jornal paulista informou que as irregularidades no governo paranaense haviam sido apontadas, 'principalmente', pelo empreiteiro Cecílio do Rego Almeida".

As provas eram evidentes, como alertou a publicação da Voz do Paraná: "Em um determinado momento, entretanto, Buzaid [então ministro da Justiça, Alfredo Buzaid] ligou um gravador e reproduziu trechos de uma conversa que incriminava o governador. Depois de ouvir a gravação, Leon Peres, muito abatido, deixou o Ministério".

Naquele momento, mesmo relutando, seus dias como governador do Paraná estavam contados. Em menos de uma semana deixou o cargo. Em seu lugar, entrou Pedro Viriato Parigot de Souza que teve como principal desafio pacificar a política paranaense.

O tema rendeu pauta até para o ano seguinte, como mostra a edição da semana de 11 a 17 de junho de 1972. A matéria "Leon Peres fez viagens fictícias, diz Tribunal" apontou que nem a assinatura do pedido de renúncia "significou, necessariamente, um sossego para o ex-governador Haroldo Leon Peres".

Trecho de *Voz do Paraná - uma história de resistência*, a ser publicado em 2018.

# Flavia Calise

# El museo que está sobre la playa

Espero el tren frente a la cancha de Atlanta que se cae como el Imperio romano me gustaría ser arquitecta tener un enfoque tectónico con rayos de masa fría ordenar mis emociones desparramadas en las casas y edificios que construyo por toda la ciudad moldear las estatuas que irán al museo que está sobre la playa ¿no ves que los espacios son los bloques? ojalá los cruces y sepas que te espero que los edificios donde viva gente estén calientes y las plazas se llenen de flores que las arranquen las manos tristes de todos los inviernos me gustaría que entres y subas escaleras de algunos ambientes proyectivos para saber con qué comparamos las sombras de un bosque oscuro que las paredes resguarden tu cuerpo y el piso sostenga tus pasos me gustaría que entres a una oficina de metal que pienses en el amor que es la madera donde irás luego sobre todo ser arquitecta de los supermercados donde comprarás comida exquisita y bebida o sangre ojalá te rías con la boca sucia por el vino ojalá te rías y yo esté cerca ahora sé que me deprime el derrame del espacio urbano el desierto de cemento no frena ni se mueve mientras caen los cuerpos solo para ensimismarse

# **Paulliny G. Tort**

As árvores retorcidas tinham cor de doce de abóbora. Pareciam deliciosas e, se eu fosse um gigante, teria devorado cada uma delas. Era bom o farfalhar de suas folhas quebradiças, o aspecto grotesco dos seus braços de madeira sempre desalinhados, que eu mastigaria com voracidade. Às vezes, uma folha se desprendia do galho torto, rodopiava no ar e caía sobre uma lápide, fazendo montes sobre os túmulos. Eu caminhava lento naquele tapete de grama seca, cascas e húmus. Cada passo fazia um som crocante, como se estivesse me equilibrando sobre uma imensa camada de crème brûlée. E me dava vontade de devorar o chão. De vez em quando alguém tossia. Minha mãe fungava as lágrimas. E uma tia que eu nunca tinha visto girava o terço de cristal entre os dedos da mão direita, tilintando as contas que se chocavam umas contra as outras durante a reza. Tim-tim. Brindavam a cada ave-maria. O resto era silêncio. E o silêncio, esse sim, eu devorava. Quando o coveiro derramou a última pá de terra sobre a laje de cimento, percebi que não veria mais meu pai.

O velho se somara às raízes. Aos mortos. Aos mortos e às lágrimas, que minha mãe despejava sobre a terra seca. Durante o velório, fui o ombro que ela molhou e o braço a que se agarrou para permanecer de pé enquanto o padre dava prosseguimento ao protocolo da morte. Do pó vieste e ao pó voltarás. O religioso citou esse versículo durante o sermão. Percebi que também era o epitáfio de um túmulo já esquecido, de cimento esburacado, vizinho ao do meu pai. O epitáfio do meu velho era mais narcisista: Dr. Roberto Pompeu: senador, esposo e pai amantíssimo. Saudades eternas, tudo em letras douradas, afixadas sobre o mármore grafite. Não sei o que deu na minha mãe para inventar um epitáfio daqueles. Doutor Roberto Pompeu, eclipsando o da Silva que arrematava o nome. Chamava-se Roberto Pompeu da Silva. Será que até entre os cadáveres os títulos têm tanto valor quanto entre nós? Não sei. Porque, sinceramente, não acredito em nada.

Durante o velório, as pessoas tinham se aproximado e me abraçado dizendo que ele finalmente descansara. Que estava junto de deus e todas essas coisas que dizem quando alguém morre. Por cortesia, faziam cara de cachorro espancado: derrubavam os olhos, os cantos da boca, as bochechas. Precisavam se alinhar à dor de quem estava sofrendo de verdade. Rezavam também. Rezavam em coro, em círculo, em redor do caixão. Glória ao pai como era no princípio, agora e sempre. Amém. Mesmo sem acreditar em nada, eu respondia. Amém. Eu só queria que tudo acabasse rápido, que eu pudesse ir para casa, que eu pudesse fumar um baseado, que eu pudesse... Não é que eu não tivesse chorado pela morte do meu velho. Que, dentro de mim, uma parte quisesse crer na continuidade da vida. Mas nenhuma consolação me serviria naquele momento, quando tinha acabado de vê-lo sem vida dentro do caixão.

Não tive coragem de tocá-lo. Nunca vou saber

como era a consistência da carne do meu pai morto. Minha mãe e tias e primas, ao contrário, fizeram questão de acariciar suas têmporas, suas bochechas, suas mãos cruzadas sobre o ventre, como se ele ainda pudesse sentir o calor dos afagos. Faziam isso com uma ternura que eu nunca tinha visto antes. Nem quando o velho estava agonizando no leito do hospital, quando talvez ele mais tenha precisado de carícias. De todos aqueles dedinhos delgados e femininos, perfumados, deslizando sobre a pele, afastando as mechas de cabelo, massageando o tecido flácido do rosto. Mas elas preferiram fazer carinho no defunto, que começava a se desmanchar sob a ação dos germes.

Eu não queria estar ali. Tive a impressão de que meu pai estava meio deformado no caixão. O rosto parecia esparramado, inchado. E, com o passar das horas, as mãos começaram a se encher de líquidos. No final, temi que a pele não resistisse e se rompesse, para o terror de todos, para o meu próprio terror. Fiquei imaginando os caras da funerária que mexeram nele. Revoltava-me a ideia de que alguém tivesse rido dele naquele estado. Sem intestinos, sem dentes, todo fodido. Não conheço o caráter das pessoas que receberam o corpo do meu pai e o prepararam para aquele ritual horroroso, mas torci para que não tivessem rido, que não tivessem sido cruéis, nem ignorado o sofrimento dele. Era só um corpo, eu sei. Mesmo assim, eu queria que respeitassem a carcaça do meu velho. Não por ele ter sido senador, deputado ou o caralho a quatro. Mas porque ele morreu solitário, doente. Isso deve valer de alguma coisa. Para mim, valia.

Meu pai havia se pronunciado para multidões, lutado pelas diretas, conhecido presidentes. No entanto, sua morte foi tão silenciosa e discreta quanto outras que ocorreram no mesmo C.T.I., nas horas tristes da madrugada. Ligaram no celular da minha mãe, às duas horas da manhã, para comunicar a morte do velho. E ninguém deu os parabéns pelo sujeito excepcional que havia sido. Apenas lamentaram a despedida, do mesmo jeito que certamente haviam lamentado dezenas, centenas de outras mortes presenciadas naquele lugar. Depois o diretor do hospital telefonou para dar os pêsames de modo mais político, mas quem esteve lá, limpando o sangue, a merda e o catarro que saíam dele, não viu diferença. Gente é isso. Um corpo em relação aos demais. O que se faz no mundo finda como tudo. Finda como as folhas cor de abóbora que vi caindo no cemitério sobre a sepultura luxuosa do meu pai. De onde saímos em caravana até o estacionamento e demos prosseguimento aos nossos dias, que a partir de então aconteceriam na ausência dele. No fundo, todos sabíamos que logo surgiriam folhas novas, de superficie acetinada, e que os mortos ficariam no passado. As árvores continuam a existir após o despencar das folhas secas. É o que tento dizer agora para minha mãe. Velha, a vida é um outono.

Abertura de *Allegro ma non troppo* (Editora Oito e Meio, 2016)

# Maidan - por Ben-Hur Demeneck

# A síntese é a meta

Distorcer a anatomia. Arremedar. Deformar. A caricatura opera muitos poderes de refração na figura humana enquanto revela personalidades. Se por um lado leva humoristas gráficos às armas contra os tiranos, pode eternizar artistas que elevam nosso grau de percepção do mundo.

Sponholz evita caricaturas contra. Prefere polemizar em cartuns. Professor universitário aposentado e arquiteto, suas caricaturas se contam em centenas. Vai de Chaplin a Roberto Menescal, passando por Bertrand Russell e Florbela Espanca. Nasceu em 1950, em Tibagi.

Como captar personalidades em tão poucos traços?

A síntese é a meta. Na face de cada um de nós existe um imperceptível sinal que eu destaco. Um detalhe específico da caricatura de Lima Barreto: ela tem o olhar de quem foi vítima de todos os preconceitos de sua época.

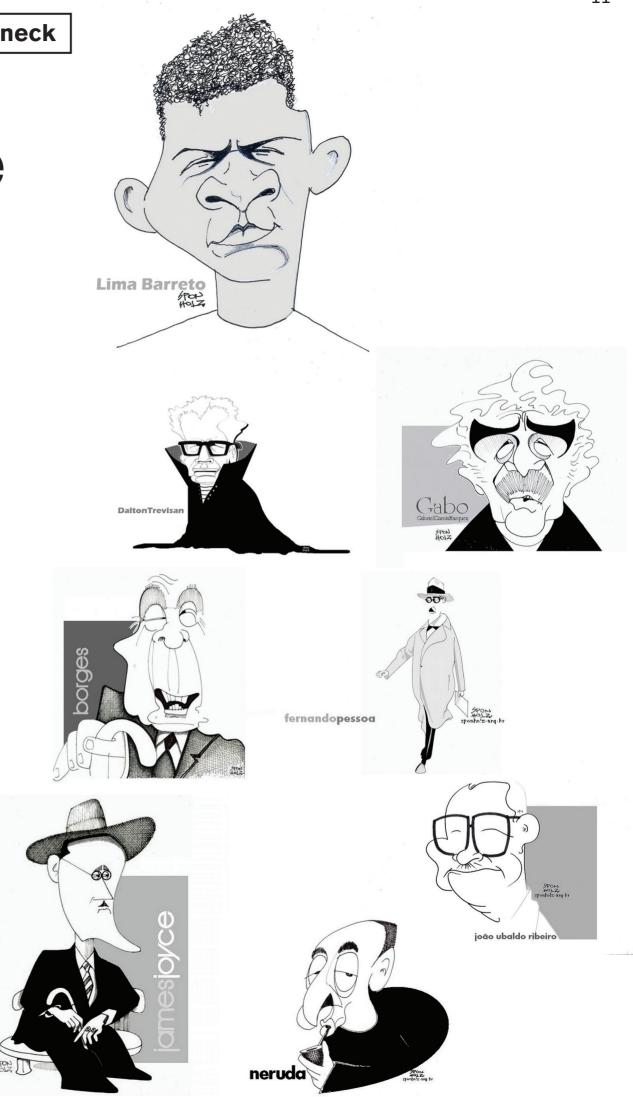
O que conhece da vida do retratado Lima Barreto?

Em 1970, meu pai – voraz leitor – me disse: "para entender melhor o que você já leu e o que ainda vai ler do Lima Barreto, você deve ler A Vida de Lima Barreto, escrita pelo Francisco de Assis Barbosa".

E me presenteou com a biografia. O autor nos mostra o fardo que Lima Barreto carregou diante de um Rio de Janeiro preconceituoso e injusto, preconceito que alimentou sua literatura e destruiu sua saúde. Descobrimos que o Brasil perdeu um engenheiro e ganhou um grande escritor.

Uma pergunta ao arquiteto: os prédios das bibliotecas brasileiras contam que história sobre a valorização dos livros por nossas autoridades?

Nossas bibliotecas, arquitetonicamente falando, nada dizem sobre o valor do livro para nossas autoridades (que poucas bibliotecas constroem e que de livros não gostam). Já o leitor, ele vai onde o livro está; pouco se importando com a forma/função da biblioteca.



DATA: 2014 LOCAL: GMAIL

### ESCRITOR-ANUNCIANTE APÓS CRÍTICA **NEGATIVA DE RESENHISTA**

Amargo Relhado <xxxxxx@gmail.com> Olá, ilustre Daniel.

A partir de agora, se mencionar o meu nome em seu veículo, haverá comunicação judicial. E o custo de cada ação. O meu representante é o xxxxx.

Atenciosamente, Amargo.

Daniel Zanella <jornalrelevo@gmail.com> Olá, Amargo.

Desculpe-me se só vi seu email agora. Estou chegando em casa depois de uma viagem de três dias. O que houve?

Amargo Relhado <xxxxxx@gmail.com>

Oi, Daniel, como vai?

Vi hoje o pdf do jornal.

E, ora direis, ouvir estrelas, tem um texto sobre a minha prosa.

O camarada está vivendo onde, aonde?

Ele não sabe que escrevi e publiquei xxxx? Será que foi informado que escrevi e publiquei o xxxx?

Há falta de informação a respeito do que faço no momento. O texto é velho, trata de livros de 2010 e 2013: nem vou comentar sobre a falta de objetividade dele: nenhuma frase faz sentido, não há encadeamento de pensamento: o amigo precisa de apoio da medicina, deve ter lapsos, problemas psicológicos. Você pode encaminhá-lo a alguma clínica? Coitado; ele não diz coisa com coisa afirma e não comprova o que diz - joga a reputação do jornal na lata do lixo. Ele tem convênio? Usa adjetivos e não completa as frases - os médicos foram avisados? Bom, o que fazer? Vou ao banheiro e falta papel. O que vou fazer?

Abraços, Amargo.

Daniel Zanella <jornalrelevo@gmail.com> Olá, Amargo

Agora estou entendendo melhor o que está acontecendo. Bem, o xxxxxx é um resenhista de livros. Como tal, tem (ou não) seus critérios e o RelevO dá liberdade para ele escrever o que quiser sobre os livros que ele quiser. O mesmo acontece com o xxxxxxxx.

Sugiro que você escreva um texto repercutindo a crítica do xxxxx e publique no RelevO na próxima edição. Inclusive, se você criticar o jornal, a crítica sairá na íntegra. Acho que pode gerar uma discussão bacana isso de levantar critérios e julgamentos.

Você deve estar chateado porque eu poderia muito bem ter barrado o texto do xxxxxx por conta da nossa

parceria. Mas separo comercial e editorial – e sei que posso ter sido "testado" pelo próprio crítico. "Ah, o jornal faz promoção com o autor? E será que publica uma crítica que fale mal de seu anunciante?" Publica, sim. E sei que venci (internamente) e sei que o que fiz foi o correto, independente dos méritos do texto em questão. Confesso, por fim, que, apesar de não concordar em certas partes – afinal, é um texto opinativo-subjetivoe-tudo-mais -, não achei tão fora do tom assim. Inclusive, termina dizendo que você é um dos escritores mais relevantes da nova geração literária brasileira. Não me parece pouco.

Abraços

Amargo Relhado <xxxxxx@gmail.com> Olá, Daniel,

Encerro aqui a parceria com você no Jornal RelevO. Agradeço pela caminhada até aqui, mas depois deste texto, não há mais espaço para nenhuma relação. Desejo sorte, a você, no seu projeto. Abraço, Amargo

Daniel Zanella <jornalrelevo@gmail.com> Bom dia, Amargo.

Eu realmente ainda estou meio atarantado com a sua reação. Sempre te considerei uma das pessoas mais equilibradas do meio literário, inclusive, partilho de algumas impressões que você partilha. Sua posição, apesar de entendê-la, me parece precipitada – e não digo pautando-me por aspectos financeiros. Estamos aqui falando do seu posicionamento em relação à crítica do xxxxxx, que é assinada e não necessariamente corresponde à opinião do jornal. Tanto eu quanto você sabemos da importância da crítica literária, até mesmo quando ela é fora do tom. Afinal, trata-se, em última análise de uma impressão. Por tudo isso, lamento a sua decisão de rompimento porque ela parece considerar aspectos pessoais que são defensáveis, mas que me parecem extremos.

Naturalmente, não devo minimizar os efeitos emocionais que uma crítica pode causar, mas você é do meio jornalístico e sabe que as coisas são assim mesmo, as pessoas dizem, criticam e falam daquilo que é publicado. Ontem mesmo você me chamou de canalha [no Facebook] a partir de um contexto, na quarta-feira um dramaturgo disse que eu era ignorante. No sábado retrasado, uma atriz disse que eu era tão estúpido que deveria parar de escrever. Mas todas as críticas "funcionam" a partir de certas ações e eu tenho sempre que considerar isso – os feedbacks são importantes e se eu levar tudo ao fio da navalha provavelmente me tornaria um amargurado. Mas acho que não tenho vocação pra isso.

Enfim, também desejo uma boa caminhada. Seu trabalho no meio cultural é importante e seguirei de olho. Abracos



DATA: JULHO DE 2016 LOCAL: GMAIL

### RENOVAÇÃO DE ASSINANTE ENQUANTO **ESCRITOR**

Daniel Zanella <jornalrelevo@gmail.com> Roy,

Tudo certo? Agorinha, no fim do mês, vence a nossa assinatura do RelevO. Que acha de seguir mais um ano conosco. Vamos? Um grande abraço

Roy Capotraste <xxxxxx@gmail.com> Estou estudando a proposta. Aguarde. Abraços.

Roy Capotraste <xxxxxx(@gmail.com>

Prezado Daniel: Depois de mais uma relevada na promessa de publicar meu conto em junho...

faltou tinta na minha caneta pra renovar a assinatura. Sem mais para este e outros momentos. Abraços.



Desde a primeira edição, em sofre de uma sina: ter o seu editor à do periódico. Tal situação, demonstrativa ta gerou, ao longo da trajetória de circulação, diversos o culminaram em rompimento de parcerias, de amizade serviço particular do editor, é o autor que assina, mas dificuldades relacionais e gênio complicado (o nosso ilustram um pouco das nossas dificuldades de camir problema. Ou seja, não queremos, com isso, reivindic um pouco dos nossos porões, úmidos e passíveis da devemos sempre considerar em certos casos que a

DATA: DEZEMBRO DE 2016

LOCAL: FACEBOOK

### AS MELHORES COMPANHIAS DE BAR

Daniel Zanella Gabriella, que acha de, hora dessas, mandarmos

DATA: NOVEMBRO DE 2015 LOCAL: FACEBOOK

## ERRO ORTOGRÁFICO (SÉRIO) EM EDIÇÃO ESPECIAL

Suzana César Oi, Daniel

Temos que mudar o nome da XXXXX.

Não é XXXX É XXXXX

Daniel Zanella

Puxa

Que pena

O jornal já saiu

Suzana César PORRA, MASVC NÃO ESPEROU A MINHA RESPOSTA

Daniel Zanella

Eu peguei o nome pelo post que você enviou

Suzana César

eu tinha colocado na minibio xxxxx ta'foda, agora

Está impresso, erro Suzana César meu Deus, POR C TODA

vc disse que o jhor

Daniel Zanella

Daniel Zanella Eu alterei os nomes Suzana César

VEJHA a minibio está lá

com todas as letras Daniel Zanella

Eu nem considero Não faz sequer par gráfico

Suzana César vc tinha meu telefo

Daniel Zanella Suzana.

Desculpe-me, mesi

Suzana César



frente do departamento financeiro ambém do tamanho limitado do periódico, asos de interesses cruzados e de situações de tensão que s, de amores. É a pressão de anunciante que contrata o também quer um retorno editorial, é um editor com editor). Abaixo, compilamos algumas histórias que har, sabendo que somos também uma boa parte do ar alguma pureza sacrossanta, e sim apenas apresentar s piores pneumonias. E, como dizem os advogados, lgumas conversas aconteceram sob forte emoção.

nosso pitoresco periódico chamado RelevO para a sua casa? Um bom fim de ano por aí, senhorita, e até o próximo trago.

Gabriella Feden Não vou pagar por isso.

nalia ser impresso hoje

que você tinha pedido

as minibios

rte do nosso projeto

ne

no

eu entendi tá foda que ficará permanente Daniel Zanella Os nomes equivocados que você QUE ESSA PRESSA acertadamente apontou foram corrigidos

tá deixa

Suzana César a coerência é você dizer que o jornal ia ser impresso HOJE e eu acreditar nisso deixa pra lá,

vamos deixar pra lá

Daniel Zanella O jornal está impresso e distribuído pela cidade inteira

Suzana César está tudo bem obrigada pela preça

haha

Daniel Zanella Material impresso é sempre passível disso

Suzana César

não precisa deixar nenhum exemplar aqui, fica tranquilo

DATA: JULHO DE 2017 LOCAL: GMAIL

A PRÓXIMA CAPA

Michele Ramos <xxxxxx@yahoo.com.br>

sou escritora e desejo saber como participar da próxima edição do jornal o relevo.

Desde já a grata pelas informações.

Att, Michele

Daniel Zanella <contato@jornalrelevo.com>

Olá, Michele. Aqui é o Daniel Zanella, editor e fundador do RelevO. Tudo bem? Pode mandar seu material por aqui mesmo, no gênero textual que preferir e em um arquivo do Word. Eu mesmo leio e te retorno. Abracos

Michele Ramos <xxxxxx@yahoo.com.br> Daniel,

grata por seu retorno.

gentileza informar se posso ser capa da próxima edição?

Qual o valor a ser pago? Para acompanhar o texto posso enviar também foto e biografia?

Aguardo.

Att, Michele

Daniel Zanella <contato@jornalrelevo.com>

Olá novamente, Michele. Nós não vendemos espaço editorial. Os textos são selecionados a partir de um princípio básico: lemos, gostamos e publicamos. E não publicamos conteúdo literário na capa, já que ela é voltada para alguma ilustração ou fotografia.

Mas, ó, você pode gastar com a gente sendo nossa assinante. Por 50 reais ao ano você recebe o jornal todo mês em casa. Que acha?

Michele Ramos <xxxxxx(@yahoo.com.br>

Daniel, bom dia

gentileza informar se o conto que enviei sairá na próxima publicação de seu jornal.

Desde já agradeço sua gentil cordialidade e aguardo contato.

Att, Michele



Data: Agosto de 2017 Local: Facebook

APÓS SETE COBRANÇAS E QUATRO **DEPÓSITOS FALSOS** 

Daniel Zanella

Ulisses Louzeiro, vamos desenrolar de vez o nosso pagamento da publicidade? Sei que está meio chato, mas é que, para nós, um periódico modesto, 120 reais faz muita diferença. Abraços e bom fim de semana por aí!

Ulisses Louzeiro

Chato pra caralho! Porra já cheguei a pagar antecipado publicidade e não [houve] cobrança alguma. E mais se realmente estivesse interessado teria ido hoje ao evento de lançamento, mas não... Só quando é conveniente ou dos seus bajuladores... Não é? Foi inserida uma publicidade, portanto é R\$ 60,00.

Os outros R\$ 60,00 serão pagos na outra inserção. Porque o que me consta é isso. E mais, antes de cobrar profissionalismo veja se o seu "serviço" está condizente com a cobrança... Neste caso específico colocou o anúncio em meio a um emaranhado que mais parece um panfleto! Tenha atenção e cuidado com os anunciantes... E para que não tenha dúvidas estas críticas são ao serviço e não pelo fato de pagar ou não. Aliás já gastei R\$ 36,00 com transferências para a conta que você enviou!

Daniel Zanella

Bem, vamos por partes:

Ulisses Louzeiro

Não quero papo virtual. Te pago pessoalmente na segunda feira ou amanhã, quando quiser! Falta de consideração du caralho!

Daniel Zanella

1. O combinado foi R\$ 120 em uma parte só. Eis a conversa inicial:

[Ulisses Loureiro Qual é o valor? O anúncio é semelhante ao que a xxxx fez para o xxxx. R\$ 120,00 duas inserções? Daniel Zanella Claro. Fechou esse valor se não pesar aí

pra você. Pode depositar os R\$ 120 aqui: xxxxxxx]

Ulisses Louzeiro

Se você não se recorda foram dois anúncios. Mas enfim. E não pesa porra nenhuma.

Daniel Zanella

2. A parte comercial do RelevO não está atrelada à minha presença física em evento nenhum. Não lembro de combinar algo com ninguém nesta esfera;

Ulisses Louzeiro

Porque não estou comentando em não efetuar pagamento.

Daniel Zanella

3. O RelevO sempre teve as páginas 6 & 7 dedicadas aos anúncios. É a nossa prática há 5 anos. Não foi feito nada fora do combinado;

4. Você é um babaca.

Ulisses Louzeiro

Ok, R\$ 120,00

Daniel Zanella

Abraços e não precisa se preocupar em nos pagar. Até!

Ulisses Louzeiro

Sou um babaca? Beleza. Vamos nos encontrar.

Daniel Zanella

P.S. Babaca e caloteiro.

Se você não tem atitude suficiente para receber críticas, não se faça de vítima. Ok, isso não ficará assim tenha certeza... Pois sua atitude só reforça a crítica que estou a fazer. E vamos conversar pessoalmente... Em nenhum momento disse que não iria pagar ou deixaria de pagar. Agora se você não aceita receber críticas e isso te concede o direito de me ofender particularmente é outra história! Pense! Grande parceiro você é! Está evidente e claro! E vou depositar mais uma vez, e tenha certeza que vamos nos encontrar. E aí repetirá o que me disse! Ok? Repito: falta de consideração du caralho pela saco!

UPDATE: de fato, dois dias depois, ele pagou.

# **Defenestrando – por Felipe Gollnick**

Alguns dias atrás, vagando pelo tempo e espaço e pelos canais da TV à cabo, parei na MTV, atordoado com um clipe esvoaçante e colorido de uma música alegre e festiva. Achei que era o Ting Tings (lembra?), porque, bem, a pegada era a mesma: músicas para tocar em bares alternativos da noite curitibana com muito ahazo e bateção de cabelo. Porém, qual não foi a minha surpresa ao aparecerem os créditos ao final do vídeo revelando que a banda era nada mais e nada menos do que Paramore? Tratava-se de "Hard Times", música que é um dos singles do novo álbum "After Laughter". Foi um pequeno susto para mim, porque as últimas lembranças que eu tinha da banda de Hayley Williams eram os hits "The Only Exception" (uma balada triste) e "That's What You Get" (um rock adolescente). Fiquei confuso e, para tentar esclarecer um pouco a bagunça mental que acabara de se instalar, fui conversar com o Rômulo Candal, jornalista, entusiasta de Paramore, colaborador da editoria de música no site A Escotilha e integrante do coletivo de literatura Obscenidade Digital.

# O que, raios, está acontecendo com o Paramore?

# **Músico frustrado:** O QUE RAIOS ESTÁ ACONTECENDO COM O PARAMORE?

**Rômulo Candal:** Rapaz, acho que a mesma coisa que acontece com a maioria das pessoas que passam dos 25, 26 anos: viraram adultos. A idade vai chegando, a gente escuta sons diferentes e leva umas porrada da vida. Acaba crescendo, né?

**Músico frustrado:** Mas... então. Você considera que fazer músicas saltitantes e clipes bastante coloridos indiquem amadurecimento? Digo isso porque acredito que um caminho recorrente sejam bandas surgirem fazendo músicas alegres e depois envelhecerem com canções mais comedidas. Mas, como o Paramore surgiu com canções mais tristes... Seria uma quebra de paradigmas?

**Rômulo Candal:** Acho que o excesso de cores e o desapego pelas distorções e músicas rápidas podem significar um crescimento, sim, no sentido de romper com uma estética que já era associada a eles. Porque, para um grupo de jovens roqueiros que só usavam preto, branco ou cores neutras, se assumir pop e colorido é um indicativo de que, no mínimo, passaram a aceitar outras coisas. Se isso é bom ou ruim, vai de cada um – no caso do Paramore, achei corajoso e positivo pra caralho.

E apesar desse lance dançante e visualmente alegre, as letras não seguiram o mesmo rumo. Pega, por exemplo, "Hard Times", o primeiro single desse último disco: o instrumental é uma festa oitentista, mas a Hayley tá cantando sobre chegar no ponto mais baixo, falando que "tempos difíceis vão fazer você se perguntar por que ainda tenta". Tem uma dualidade massa.

**MF:** Rapaz! Aí você tem um ponto.Você já acompanhava a banda desde os discos anteriores? Se sim, sentiu algum sinal de que uma mudança como essa estava por vir? DID YOU SEE THAT COMING?

**RC:** Acho que o Paramore do começo chegou meio atrasado pra mim. Eu gostava do primeiro disco do Panic! At The Disco e algumas coisas do My Chemical

Romance, mas, na época, já estava saindo dessa onda meio emo. Não gosto muito dos dois primeiros álbuns do Paramore, então ignorei a trajetória, até quando assisti ao clipe de uma música chamada "Brick by Boring Brick" e achei surpreendentemente foda. Aí, ouvi o disco que tem essa faixa ("Brand New Eyes", é o terceiro álbum deles) e curti bastante. O som vinha puxando cada vez mais para o pop e demonstrando alguma mudança, mas eu estaria mentindo se dissesse que não fiquei surpreso quando escutei o disco de 2013 e encontrei sintetizador, umas pitadinhas de funk americano e uns coros meio gospel. E não imaginava também que "After Laughter", esse novo, fosse se afastar tanto do rock.

MF: Obrigado pelo depoimento! Agora, preciso fazer uma PROVOCAÇÃO. Sei que há um disco inteiro por trás, mas, referindo-me exclusivamente aos dois clipes do álbum novo: por mais que eu tenha tentado contra-argumentar a mim mesmo, não consegui não achar que tanto a música como o visual se aproximam MUITO do Ting Tings cantando "Shut Up and Let Me Go" e That's Not my Name". Até o visual da Hayley: cabelo descolorido com a franja caindo nos olhos, óculos escuro... O jeito de dançar... Considerando que o Ting Tings foi há quase dez anos (2008, por aí), teria o Paramore chegado quase uma década atrasado na distribuição de crachás de hipster? Ou eles já estariam antevendo um revival desta falecida tribo urbana? Ou não é nada disso e eu tô viajando?

RC: Hahahaha. Eu acho que você faz algum sentido, sim. O cabelo da Hayley tá bem parecido mesmo, e a primeira música também lembra a pegada do Ting Tings, só que melhor. RISOS. Mas acho que o disco todo passa uma impressão um pouco distinta, porque tem várias influências bem diferentes ali. Tem até uma faixa que me lembrou No Doubt. A própria "Told You So", que foi o segundo single, eu já acho mais pra The XX do que The Ting Tings, cê não acha? "Hard Times" provavelmente teria feito um baita sucesso se tocasse no VU ou no James lá nos idos de 2009, de fato, mas acho que é um caso mais de

influências comuns do que influência direta. Acho que dialoga, sim, com o Ting Tings, mas como puxa mais pro pop mainstream, não parece exatamente uma referência. Parece, isso sim, que a fonte de onde o Paramore atual bebe pra compor é a mesma de bandas como o próprio Ting Tings, The XX, Killers, e outras bandas ali de uns 10 ou 15 anos atrás: tem Talking Heads, tem Blondie, tem até Daft Punk.

MF: Olouco. Confesso que, na correria desta vida louca, não consegui ouvir "After Laughter" com toda a atenção do mundo, então não esperava tudo isso de referências. Enfim.Vi que o Zac Farro, um dos integrantes da formação original, voltou pra banda. O que achou disso?

RC: Pra mim é indiferente, acho. Hahaha. É o que eu falei antes: como os dois primeiros discos do Paramore não são importantes pra mim, acaba que não bate nem uma felicidade por nostalgia. O batera que gravou o penúltimo álbum era um músico de estúdio contratado, e era muito bom. O Zac, esse que voltou agora, é menos refinado, mas dá e sobra pro tipo de som que eles fazem. No fim, eu faço questão mesmo é da Hayley e do guitarrista dos últimos três álbuns, o Taylor, que é meio que o "cabeça" da parada.

**MF:** O que você tem a dizer às pessoas que se referem ao Paramore como Para-morre?

**RC:** Que segundo fontes confiabilíssimas (uma página chamada sitedecuriosidades.com), "O ódio é o oposto do amor e pode comprometer a saúde física e emocional dos seres humanos". Melhor chamar de Per-amore.

**MF:** Mais alguma coisa que você gostaria de acrescentar?

RC: Eu gostaria de acrescentar que PARAMORE É BOM D+ e agradecer pelo espaço concedido para espalhar a palavra por aqui. Aproveito pra sugerir que os amigos ouçam uma canção deles chamada "Ain't It Fun" que descreve quase tudo que falei antes, porque é um pop tão caprichadinho que dá gosto de escutar. Beijos!

# **Gutemberg Medeiros**



# Brecht, Shakespeare & Cia.

A barbárie trouxe ao Brasil muitos fugitivos perseguidos pelo totalitarismo alemão. Pessoas dos mais diversos ofícios e saberes que somaram decisivamente ao aprimoramento do país. Na área cultural, chegaram profissionais de primeira linha como o ator Zbigniew Ziembinski, o tradutor Herbert Caro, os críticos Otto Maria Carpeaux e Paulo Rónai, o filósofo Vilém Flusser e tantos outros. A crítica teatral foi decisivamente beneficiada com a vinda do berlinense Anatol Rosenfeld (1912–1973), de quem a Editora Perspectiva lança mais uma coletânea de textos publicados em jornais e revistas e inéditos em livro: *Estética e teatro alemão*, organizado pela pesquisadora Nanci Fernandes e Jacob Guinsburg.

Na fundação desta casa publicadora, Rosenfeld já estava no conselho editorial a propor publicações, seu próprio trabalho e até traduções. Ambos eram amigos de anos e desde a morte do berlinense mantém a sua rica produção ao editar seus artigos – totalizando 22 títulos. O legado de Rosenfeld é manter viva a produção teatral brasileira e a reflexão sobre as mais diversas correntes dessa arte no mundo, especialmente a alemã.

Da sua vasta produção, merece especial destaque a coletânea *Brecht e o teatro épico*, sobre esse fundamental dramaturgo e pesador contemporâneo de quem Rosenfeld viu encenações em sua Berlim no fim dos anos 1920. Ou ainda *Thomas Mann*, com ensaios elucidando os mais diversos aspectos deste escritor. Obra de referência é *História da literatura e do teatro alemães*, abarcando desde as fundações até os anos 1950 em evidente poder de síntese e reflexão, sem reducionismos.

A obra de Rosenfeld está nas livrarias, presente. Inclusive nesse lançamento *Estética e teatro alemão*, onde o leitor encontra reflexões sobre Büchner, teatro engajado, Tchékhov, Dürrenmatt, Ionesco, Peter Weiss, Gerhart Hauptmann, Kafka e outros tão contemporâneos e necessários quanto este crítico.

# Revolução Russa pelos russos

Os cem anos da Revolução Russa agitam o mercado editorial brasileiro em publicações de vários gêneros sobre este evento que marcou não apenas o século passado, mas o atual também. Certamente uma das mais marcantes é a publicada pela Boitempo Editoral: *Escritos de outubro: os intelectuais e a Revolução Russa* (1917-1924), organizado pelo professor do Curso de Russo da USP Bruno Gomide. São 32 textos dos mais variados tipos e todos traduzidos do original. Documentação primária de evidente valor histórico, muitos até estético.

Os textos são "interpretações da cultura russa tecidas em ensaios, resenhas, diários e reportagens feitas para jornais de autoria de intelectuais pertencentes a grupamentos muito diversos", explica Gomide. O prazo de 1917 a 1924 é hábil para medir a pulsação imediata da transformação tão radical. Especialmente pelo aspecto de que não se sabia se a nova ordem vingaria em meio à sangrenta guerra civil, à fome, às perseguições políticas, entre outros fatores dramáticos.

A coletânea também foi pautada pela brevidade dos textos e ineditismo de muitos dos autores no Brasil. Os textos foram gerados no eixo Petrogado-Moscou visando unidade em expor linhas de debates em torno de cultura, arte e sociedade. Entre a bancada de escritores, estão alguns dos melhores como Aleksandr Blok, Andrei Biély, Ivan Búnin, Velimir Khlébnikov, Isaac Bábel, Marina Tsvetáieva, Evguiéni Zamiátin, Vladímir Maiakóvski, Óssip Mandelstam e Maksim Górki.

Um trecho significativo de Literatura e revolução

de Trótski sobre Blok tem sua primeira versão em tradução direta – sendo que toda a obra mereceria ser assim editada hoje pela sua importância histórica. Dos três textos de Lênin, destaque ao "Projeto de resolução sobre a liberdade de imprensa". O formalista russo Iúri Tyniánov é muito bem representado por "Revista, crítico, leitor e escritor", diagnóstico primoroso sobre o jornalismo cultural da época. Também pela mesma vereda, o ensaio do escritor Lev Lunts "Sobre a ideologia e a publicística". E aqui uma ressalva: estranho como tradutores no Brasil inSistem em traduzir o termo russo "publitsistike" por publicística – nomeação passadista para o tão e somente "jornalismo", de fácil reconhecimento pelo leitor de hoje.

# Érico Veríssimo, o camelô

Érico Verissimo, escritor do mundo: circulação literária, cosmopolitismo e relações interamericanas de Carlos Cortez Minchillo (Edusp) retoma um amplo, rico, importante e esquecido painel sobre a ida do escritor gaúcho aos EUA durante a Segunda Guerra. Ele mesmo era irônico consigo mesmo ao se referir a si mesmo como uma espécie de camelô da política de boa vizinhança do presidente Roosevelt. O estudo revela detalhes de como a obra de Veríssimo se articula com seus variados papéis como editor, tradutor, conferencista, professor e diretor de Assuntos Culturais da União Panamericana. Importante não apenas para ter maior visibilidade da trajetória intelectual desse escritor, mas de momentos de projeção internacional da literatura brasileira no exterior – inclusive de conflitos dessa história cultural.

# Roberto Dutra Jr.

# Precisamos conversar

alguns poemas de Helena Ortiz:

# Contra-ajuda

dias sem paixão
partículas do tempo a escorrer
luz quando é luz
sereno quando escuro
vão-se em minúcias os dias
corridos
deixo que passem, ociosos
gasto-os, esbanjo-os,
desperdiço o que me cabe
e não espero nada
a cada momento

### **As Verdades**

lamento dizer aos jovens: foi tudo um equívoco para mim também mentiram e quanto me custou desaprender

eu sei quem são os culpados mas não adianta dizer os culpados não acabam

Precisamos conversar é o novo livro de poemas de Helena Ortiz, pela Editora da Palavra, casa que sempre se destacou pela relevância de seus autores. Apesar da intenção da autora, em sua introdução, de "apenas deixar registrados os poemas que fiz num período grande", Precisamos conversar vem a lume como um volume emblemático. Levese em consideração que o livro de poemas que antecede Precisamos conversar, Sol sobre o dilúvio, foi publicado em 2005, pela mesma editora, e embora neste período a poeta tenha feito publicações independentes e artesanais de seus poemas, Precisamos conversar marca o fim de seu silêncio editorial para um público mais extenso. Sobre ele também incide o sentido de ser um grito de alívio por livrar-se do ano de 2016, sombrio para o país de tal forma que a autora preferiu aguardar para sua publicação. O ano parece que não terminou, isso é verdade, e como alvorecer das instituições não veio com a mudança do calendário, foi preciso a poesia tecer a manhã possível na palavra.

O desejo de mudança, a desobediência civil e a condição da mulher brasileira são centrais nos poemas de *Precisamos conversar*. Do mesmo modo, a introspecção de uma poeta experiente e soberana de seu processo criativo também está presente em cada página. Não obstante, ela esma rotular sua produção como poesia de protesto, termo outrora em voga para se referir a vanguardas mais incisivas criticamente e que não se diluíram na agilidade midiática e virtual da pós-verdade do final desta década. É de se esperar um livro que toque justamente no cerne da questão com precisão de franco-atiradora: implacável e poética. Nisto, Helena Ortiz não desaponta.

Precisamos conversar está dividido em três seções, sendo "Eu", "Nós" e "Só nós". Os poemas contidos em cada uma delas demarcam claramente um espaço existencial invadido pela náusea social. Inclusive, sendo exatamente este o termo que autora usa: náusea. Desfaz-se, assim, qualquer leitura que possa valer de alegorias sociais para interpretar sua lírica. Ao contrário, a autora cada vez mais torna-se incisiva, pujante, ao longo do livro. Tome por exemplo os versos dos poemas "Contraajuda": "vão-se em minúcias os dias corridos/.../ e não espero nada/ a cada momento"; e "Último sacrificio": "o corpo violado cansou da vida/ .../ esperará até que a morte se faça/ vencendo a farsa". Se por um lado a linguagem e a arquitetura do som consolam, o sentido desola, encurralando o leitor com a ausência de ilusões. Assim também em outros poemas como: "Aniversário" e "Novíssima", que falam da consciência de si mesma, valendo-se da data de aniversário e do surgimento de uma dor na perna como pontos de partida para poeticamente debruçar-se na insolvência - finita - da vida.

"Nós", a segunda seção de Precisamos conversar,

expande o alcance dessa solidão existencial para a realidade que nos cerca a todos. O rótulo de poemaprotesto, que própria poeta usa, veste os poemas que se seguem como aquela camisa com dizeres que vestimos em um comício – nada mais apropriado. Os poemas "Delação premiada", "Despejo", "Caridade", "Um pouco de guerra", "O crime foi em Mariana", muito além de seus títulos, levam-nos à inexorável constatação de que é certo que cabe à História narrar os acontecimentos para salvaguardar os envolvidos. A poesia, por sua vez, apenas registra a verdade em sua crueza. Há uma característica sutil em todos os poemas dessa seção: o tom dialógico nos poemas. Digo, não apenas da autora, ao pressupor um leitor, ou leitora, mas nos versos, como claramente no poema "Caridade", em que interlocutores trocam perguntas nas entrelinhas. Uma marca da poesia engajada e de protesto, que não fala do povo, mas sim fala para o povo, pois dele se origina.

Helena Ortiz leva a linguagem à sua concisão, seus poemas são curtos e ao relance da observação surge a crítica. Esta, quando trazida ao nível da poesia desconsola, mas transfere-se indelével na memória. Os poemas "Caridade" e "Justiça" desvelam uma realidade que preferimos não ver, mas na imanência da poesia, não poderemos mais esquecer. Há uma revolta que reverbera "O bicho" de Manuel Bandeira, lembrando que o bicho somos nós.

A terceira seção do livro, chamada "Só nós", apresenta poemas que tangenciam a condição da mulher na sociedade. Destacam-se os poemas "A lei que protege o crime" e "Horário de almoço" pelas qualidades que já ressaltei na poesia de Helena Ortiz, sendo não apenas o relance do olhar transformado em linguagem poética, mas, nestes casos, pelo domínio da potência do silêncio na poesia. Ambos os poemas acontecem na compreensão das pausas da leitura. Neste espaço entre as palavras reside o vislumbre mais terrível dos séculos de silenciamento da mulher. Enfim, aí também é o território da artista: esfolar a própria pele, sua identidade, e dar tratamento estético ao que não se ousaria. A poeta arranca a sua escrita do silêncio; daquilo tido como inapropriado para a arte, faz poemas onde outros imaginavam apenas violência banalizada pelos jornais. A poesia não ameniza a brutalidade, mas certamente não deixa máscaras coloridas sobre a hipocrisia, mais próprias para serem apresentadas na sala de estar ou esquecidas em anuários do governo.

Toda arte encerra grande beleza em nos deixar estarrecidos, sem chão, ou ilusões de conforto. Precisamos conversar é um livro indispensável e que oferece mais a cada página. Um livro desafiador como a pergunta não respondida de Drummond: "Posso, sem armas, revoltar-me?". Poesia de protesto sim, perturbando como um rumor, que urge ser lida em voz alta, enquanto podemos.

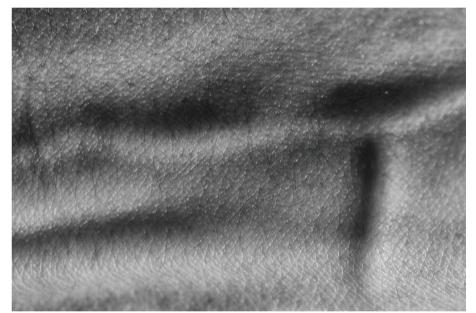
# por André Rodrigues

# (Des)marca(R)



ELIANE PEREIRA

(Des)marca(R) é uma proposta realizada pelo Café & Fotografia – um encontro mensal organizado pelos fotógrafos André Rodrigues, Henry Milléo e Hamilton Zambiancki. Os fotógrafos Ade Souza, Eliane Pereira, Jaqueline Godoy, Gean Ferronatto, Jorge Emílio, Francis Beheregaray, Flávio Esteves, Mah Zorek e Heloísa Karina Costa foram instigados a pensar, buscar um tema, elaborar uma proposta, definir uma linguagem e transformar seus rascunhos, falas, opiniões, devaneios e fatos em fotografia. Desta série de exercícios surgiu uma mostra fotográfica que retrata a forma como cada um materializou as marcas que os acompanham. A mostra (Des)marca(R) foi exibida durante o evento O Penal Autoral, no espaço multicultura do O Penal Coworking.



FRANCIS BEHEREGARAY



JORGE EMÍLIO





ADE SOUZA

GEAN FERRONATO



MAH ZOREK



HELOÍSA KARINA COSTA

# Claudio Parreira

# **As Padarias Espirituais**

Havia um pequeno milagre sobre a mesa: o pão — insuperável alimento da alma. E do corpo também, claro que sim.

Quanto tempo sem ver — saborear — um pão? Depois da Grande Devassa às Padarias promovida pelo atual governo, ter um pão diante dos olhos era tão raro quanto botar as mãos na Lua, que aos olhos de nós outros famintos se assemelha a um grande queijo suspenso no céu.

Passado o transe inicial — um pão não é sempre que, afinal —, começaram as especulações: e se?

E se o fizesse multiplicar, tal qual o Cristo? E se matasse a fome aos pobres, sendo todos também pobres e mortos de fome?

E se? E se?

E se trancasse o pão a um cofre, ou o guardasse numa urna de cristal para exposição pública? Não, melhor seria manter a discrição, alimentar-se do prazer único de possuir o que ninguém mais possui, inflar ao limite as grossas veias do egoísmo. Porque a simples notícia de um pão despertaria tumulto, a polícia se meteria a investigar, Padarias Espirituais brotariam como capim do chão, o governo o tomaria ao povo para depois ao povo vendê-lo com juros e impostos junto a recomendações de bom apetite sim senhor à população agrada imenso o nosso pão.

Melhor quedar calado e ir ao sono. O pão é um tesouro que se deve guardar à sombra — e comer quieto ao café da manhã sem o conhecimento do povaréu e muito menos das autoridades.

\* \* \*

Cara de Bolacha, o gato, é desses bichos pragmáticos: a ele pouco importam as Padarias Espirituais, as filosofices e tampouco as implicações políticas com as quais os homens se contorcem vida afora. Por isso não pensou duas vezes: viu o pão sobre a mesa, ignorou as conjecturas e comeu-o de lamber os bigodes.

Pela manhã, o único milagre que o homem encontrou sobre a mesa foi o grande e gordo Cara de Bolacha a roncar.

# **Ana Martins Marques**

Numa entrevista Anne Carson diz que se a prosa é uma casa a poesia é um homem em chamas correndo rapidamente através dela numa entrevista, quando lhe perguntaram o que salvaria se sua casa pegasse fogo Jean Cocteau respondeu que salvaria o fogo no protocolo de incêndio do condomínio do edificio JK está escrito não fique parado na janela sem nenhuma defesa o fogo procura espaço para queimar e irá buscá-lo se você não estiver protegido e também: mantenha-se vestido e molhe suas roupas e também: feche todas as portas atrás de você e ainda: rasteje para a saída, pois o ar é mais puro junto ao chão e ainda: uma vez que tenha conseguido escapar, não retorne

\*

Um caramujo como uma caixa de fósforos que levasse nas costas o incêndio da casa

# Laercio Silva

# Voragem

Ao mais romântico dos parnasianos, o mais objetivo dos românticos, o parnasiano pop'ulular Vicente de Carvalho.

```
A esperança que expecta contumaz – o denso torpor
                             aprazível
                                          em
                                                   voragem:
                                               do logro o braço alheio
em parecer - semeia a aviltar; ardor em altercação aflige opor
cederes
que
são
e
que
transitam
fincares
a marear; expia e propala
ensimesma doutro
                    o douto proveito a sugestionar
                                                      pertence editar
maralto voraz sentinela ligadura atroz
         permeia pretérito e desejo
                    que existe o porvir
                    que régio dita
                                   dilata que faça
                                                    e que viva contrai
                 sedenta – lograr
vive que espera, anseia e habita
que do desterro se liberta
cativa, acata, ataviando voo vá
                                  permita arcar
                                           acertado o sonho que rege
                                  o dulçor
                                           alvoroço a conquistar
                          sumário lançar
                                           embevece o errante
distante do mar
                 amor sem luar que compraz aguçar, podar
desperto de amores e tardanças o coração me dizia:
          imigra da sina
                  da hora do agora
à ágora pranteia o ardor que batiza, substanciar
a alma que se curva incolor como água, que repousa - prece no mar é
sangria
                                             suposta e suprimi
                                                        que nutre
felicita o milagre de estarmos a ser
                                       e sonhar que reluz atraca sem lar
```

se equivale ao que não se alcança - do malfeitor é a tardança

que se tem do dito

contrastar

o pomos flores

se pondo com o pranto

e situamos em si – não provém se atém a

humanizar

mantimento do amor da amada ao mar

jamais estamos; crer: vivemos arvoramos

o régio olhar

de teu amor hei de cantar com o furor que não escapa a sorrateira lida como celeuma que desvencilha rente

> o que preconiza da paixão sobreleva as alturas da emoção

que rompe o firmamento

dos desencantos entre areias e passos

tateantes que vagam pelas sombras em compasso de teu coração tu mulher que estia — e se espalma amada que encanta, que embala meu canto

quando penso

que deste plano que pende

em peito humano,

falho, vil e alcoviteiro

flagelo em frangalhos surdo do peito

nos lábios alvos o coração silente que incinera ledo engano lida maldizente sentimento que maldigo

se escora em vosso seio

sinto que do meu peito

a mão humana

e o pecado amigo contundente conselheiro cobarde.

O coração humano do bem o teu íntimo engano

que bendita benigna comoção

bendiz a ilusão se alumia o parvo

em desgraça coração mundano

não creio em teu voto quando modesta diz e que

aclamo

por clamor avultando

o infiel impostor enganadora esperança

de ser amada

e feliz armado parto de peito

em riste

fresta de luz eclipsa o luar

crepuscular vertida em insensata tristeza

que reza e redima

a voz do mar domada melancolia tal centeio

humildemente prostrado

se turva

em lamento pranteia

o argumento transitório

como uma noite de luar margeando o cais – que salgas no mar marítima instância

eu e tu

a

emparelhar...

mar da fertilidade fenece a dor que felicita a insidiosa vontade

para se viver um vultoso amor.

Ame.

Ama.

Da amada: a esperança que expecta. – O denso torpor.

# Morgana Adis

# **Ontem**

Hoje caíram todos os dentes: foi indolor.

Quem com eles cerziu entornou o tempo.

Rasgou as horas: todas elas.

Ecoou o uivo em silêncio.

Desmoronam, sinto,

as paredes do útero, já alvas:

drenadas por asas que gotejam na areia.

Hoje fugiram os inocentes: todos eles.

Lacerada a ingênua outorga,

rompe a seta sem permissão:

desfaz a jura feita em sonho e

no círculo desnudo liberta os nós.

Sentir no desfazer das sílabas,

tormentas de sangue na imagem precisa.

Desfazê-la em fogo: não se deve:

cresceria sem vestígio.

Vertê-la em água: não se pode:

leva consigo a contrição.

Ouse calar ao vento a matéria

de que é feita. Resta ao insulto

deitar sob a terra e parir em dor.

# Nyll M. N. Louie

# Fonte de Acquawoda

Água feito um elemento que permanece exfâncias emberça, embala a criança em um ninho de fontes fantasia, expele um ramo de cupins que queimam a madeira com gelo.

Desce, sempre desce, rumo ao próprio descer esconde-se pelos buracos afins repele todas e quaisquer ganâncias repete-se a cada nova língua, nova no prelo.

Retece tudo o quanto o pode antes de amanhecer amanhece sua tempestade em copo de sangue exangue, vê na própria exanguidade novo florescer

Se é tanque, se se coagula, repete na dúvida o mangue a água de caranguejos, de ostras, de polvos e de poríferos é, pletora, duas vezes água para poder ser uma só.

Água, turgida de si mesma, insabor de doces soníferos: da água nós viemos — não ignora que por ela voltaremos ao pó.

# Marco Aurélio de Souza

# Assombro Zen

# Edra Moraes

# Entre eu e você

façamos um pacto leitor já vou dizendo neste primeiro verso este poema nada quer dizer é só um acúmulo de rimas como a rua nua que atravesso não viaja leitor a rua que rima com nua nunca se despe nua é a rua sem gente sem carro e sem asfalto a rua é passagem, caminho não é palpável, mas é teto, agasalho e retiro viu, falei rua, você pensou lua apressa o passo e completa de que me serve a porta da rua? se sem paredes entram nela toda sorte de gente a banhar-se de lua.

Poema de Para ler enquanto escolhe feijão (Atrito Arte, 2016)

Ι

O dançarino do desejo Pisa estilhaços de garrafa na boate Um tiroteio nubla a aurora boreal

H

No fim de tarde um haicai vira grafite Piás de rua fumam crack E o Pai se omite

III

Gritos escuros no porão do casamento O coração de uma criança Habita fechaduras

IV

Lua de carne estremece no bordel Coca com sêmen Por dentro o corpo lavra novas agonias

V

No linchamento a dentição ensanguentada Sorri aos olhos da manada celular Chuva de likes

VI

Extrema-unção & pesticida Balanceado é o câncer Da natureza morta

VII

Hasteada no infinito a estrela Das bandeiras -Índios esmolam sob a luz de outro sinal

VIII

Isto não é um cachimbo Uma lata é uma lata é uma lata Até que a pedra nos separe

IX

Sob o efeito estimulante Da coca andina & da conta na suíça Um projeto de país sobe ao palanque

Χ

Bonsai de fogo na fatura do infinito Assombro zen Mortes são números que brotam nos jornais

# Lao She (Trad. Márcia Schmaltz)

### Capítulo 1

Esta é a história de Xiangzi e não a de um camelo, porque este era apenas um apelido. Dessa forma, falaremos sobre o homem e, de arrasto, explicaremos a relação entre ele e o apelido que recebeu.

Em Beijing, havia várias categorias de puxadores de riquixá: os jovens vigorosos e de pés ligeiros, que só alugavam riquixás vistosos e trabalhavam a qualquer hora, pegando e largando passageiros a seu bel-prazer. Eles estacionavam na parada de riquixá ou na porta de uma mansão e ficavam à espera de algum passageiro apressado. Quando tinham sorte, logo arranjavam uma ou duas moedas de prata, caso contrário não conseguiam nem ao menos o dinheiro para pagar o aluguel do veículo. Contudo, não se importavam com isso, pois assim funcionava o negócio. Essa categoria de puxadores talvez tivesse dois anseios: conseguir um trabalho fixo para comprar o próprio riquixá, ou ser proprietário de um, para depois arranjar um emprego. Mas aí tanto fazia, porque seria sempre dono do riquixá.

Outra categoria de puxadores era constituída por homens um pouco mais velhos em relação à categoria anterior, e que, por falta de saúde, corriam menos, ou ainda por aqueles que, em função da família, não podiam se dar ao luxo de folgar um dia sequer. A maioria deles puxava riquixás seminovos. Se o veículo e o puxador possuíssem bom aspecto, conseguiam cobrar um preço honesto pelo serviço. Os puxadores dessa categoria tanto podiam trabalhar no turno diurno quanto no noturno. No segundo caso, se ainda tivessem energia, puxavam o riquixá a partir do final da tarde até a madrugada. Como trabalhar à noite exigia muito mais atenção e profissionalismo, o ganho também era maior.

Os puxadores acima de quarenta ou abaixo de vinte anos não se enquadravam em nenhuma das descrições anteriores. Os seus riquixás eram deteriorados e eles não tinham coragem para trafegar no turno da noite. Por isso, saíam ainda de madrugada e trabalhavam até as três ou quatro da tarde. Esperavam que, no fim do dia, conseguissem pagar ao menos o aluguel e que sobrasse algum dinheiro para comer. Como o veículo era malconservado, andavam mais devagar, por isso cobravam menos e tinham que fazer mais corridas. O transporte de frutas e legumes ao mercado ou ao

armazém era a sua especialidade. Ganhavam menos, mas não precisavam correr.

Nesse ramo, aqueles com menos de vinte anos — havia quem começasse com onze ou doze — dificilmente conseguiam se tornar puxadores elegantes, pois, muitas vezes, se machucavam quando pequenos, prejudicando o desenvolvimento do corpo. Talvez puxassem a vida inteira, sem chegar a nenhum lugar. A decadência fazia-se perceber nos puxadores acima de quarenta anos e que estavam no negócio havia oito ou dez anos: viviam sempre atrás dos colegas e sabiam que seus dias estavam contados, conscientes de que podiam a qualquer momento cair mortos no meio da rua durante uma corrida. A postura à frente do riquixá, a habilidade de negociar o preço e a malandragem de esticar a corrida eram feitos do passado, que lhes serviam apenas para empinar o nariz perante os mais novos, mas que de nada adiantavam para diminuir a incerteza quanto ao futuro. Os jovens puxadores suspiravam enquanto sentiam o suor escorrendo pelo rosto. No entanto, em comparação aos puxadores acima dos quarenta

Essa categoria é formada por homens que, no passado, nunca se imaginaram puxadores, e só quando se encontraram no limiar da vida e da morte é que iniciaram na profissão — como os policiais ou os zeladores de escolas que foram demitidos, vendedores ambulantes ou artesãos, que gastaram todas as suas economias e não tinham mais nada para vender ou penhorar. Gente que teve de retomar a vida, nesse negócio de morte, rangendo os dentes e engolindo as lágrimas. Esses sujeitos já haviam vendido o sangue de sua juventude e, a partir daquele momento, passavam a derramá-lo pelas ruas. Sem força nem experiência, tampouco relações, não conseguiam nenhum apoio entre os colegas do ramo. Possuíam os piores riquixás: os pneus esvaziavam inúmeras vezes no mesmo dia. Quando conseguiam algum passageiro, desculpavam-se ao longo da corrida pelo estado do veículo e, caso conseguissem quinze moedas de cobre, já consideravam um grande feito.

anos, eles ainda estavam em uma situação mais

Trecho de abertura de *O Garoto do Riquixá* (Estação Liberdade, 2017)

# H. L. Mencken (Trad. Ruy Castro)

[...] um poeta adulto é apenas um indivíduo em estado de retardamento mental - em suma, um mentecapto. Assim como todos nós, in utero, passamos por um estágio em que somos girinos (e quase indistinguíveis dos girinos que, no futuro, se transformarão em sapos), da mesma forma todos nós passamos por um estágio, em nossa menoridade, em que nos tornamos poetas. Um jovem de dezessete anos que não seja um poeta será apenas um jumento; seu estágio de desenvolvimento foi paralisado antes mesmo de seu estágio como girino. Mas um homem de cinquenta anos que continue a escrever poesia é um infeliz que nunca passou intelectualmente da adolescência ou um bufão consciente que finge ser aquilo que nunca foi - algo mais jovem e suculento do que, na realidade, é.

Trecho de O Livro dos Insultos

